

Subjetividade deslocada: um estudo sobre *Os ratos*, de Dyonélio

Machado

*Carla Cancino Franco*¹

Resumo

O presente trabalho realiza um estudo do romance *Os ratos* (1935), de Dyonélio Machado, com enfoque na configuração do narrador e suas implicações na representação do outro no contexto literário e social brasileiro dos anos 1930. Observa-se que a estruturação da obra dá-se por meio um centro organizador peculiar: um narrador em terceira pessoa com características de primeira, uma instância narrativa internalizada na subjetividade do protagonista, Naziazeno Barbosa, e que conduz a história a partir da perspectiva deste. A hipótese estudada é a de que a escolha desse foco narrativo *deslocado* não apenas configura formalmente o conflito entre a subjetividade de Naziazeno e sua miséria econômica, como espelha o impasse de uma classe de indivíduos inseridos de forma precária na sociedade brasileira. Classificado como “herói problemático”, “pobre diabo” e “fracassado nacional” pela crítica, com base nas reflexões de Georg Lukács (2000) e de Mário de Andrade (1974), o protagonista parece espelhar formalmente os sintomas de uma inadequação suscitada pela modernização excludente. Sua percepção da realidade, intermediada pelo *narrador internalizado* e pelo uso do discurso indireto livre, aponta para um permanente incômodo autorrefletido e para a consciência do protagonista acerca de seu deslocamento. Esse aspecto permite que se proponha uma nova chave de leitura à atribuição do “grau zero de interioridade” a Naziazeno, feita por Paes (2008). A investigação abrange ainda o estudo de outros aspectos estilísticos — sobreposição dos tempos cronológico e psicológico, dicção expressionista e uso instável de recursos gráficos de pontuação — que contribuem para a hipótese levantada. Espera-se que a análise das escolhas formais possibilite também o entendimento do modo pelo qual a matéria social moldou o estilo empregado pelo autor do romance. Pretende-se, assim, ampliar a compreensão sobre a forma específica de engajamento do autor no contexto de produção da obra.

Palavras-chave

Os ratos; Dyonélio Machado; Narrador; Romance de 1930

¹ Carla Cancino Franco é jornalista, formada na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, com graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas também da FFLCH, USP, orientada por Simone Rossinetti Rufinoni. E-mail: carla.franco@usp.br

O romance *Os ratos*, de Dyonélio Machado, ocupa um lugar importante no panorama artístico brasileiro dos anos 1930, destacando-se pela formalização do conflito inerente à representação literária do homem pobre na sociedade brasileira. Classificado como *fracassado*, *pobre diabo*, *desvalido* e *Outro*, Naziazeno Barbosa, protagonista da obra dyoneliana, figura nos principais ensaios e estudos sobre a ficção brasileira do período como representante nacional de uma tipologia que se desdobra a partir do conceito de herói problemático formulado por Lukács (2000) em seus estudos sobre o romance burguês.²

Embora com nuances distintas, as acepções adotadas pela crítica para classificar essa personagem integram uma vertente de representação vinculada ao campo semântico do fracasso e do desvalimento. Como provável sintoma desse enquadramento de Naziazeno na tipificação de fracassado sem valor, estudos importantes apontam para o esvaziamento da subjetividade do protagonista do romance.

De acordo com esse entendimento, defendido particularmente por José Paulo Paes em “O pobre-diabo no romance brasileiro”, publicado em 1988, e na obra *O romance da urbanização*, de Fernando Cerisara Gil, publicado em 1999, prevalece no romance a configuração objetiva do universo narrado, proposição que tende a subestimar o aspecto da subjetividade do olhar do protagonista. Dito de outro modo, esse viés postula a presença de uma “objetivação da ação e da representação narrativa” (GIL, 1999, p. 110) com maior ênfase na apresentação concreta do mundo, que tende a reduzir ou a nulificar a participação da percepção da personagem na construção da matéria narrada.

Daí decorrem interpretações como a de Paes, para quem a vida interior de Naziazeno é vazia e dotada de “opacidade”. O crítico atribui à personagem o “grau zero de interioridade”, não vislumbrando “desvãos” interiores no protagonista.

² De acordo com as concepções lukasianas, que ensejaram diversos estudos críticos sobre o “herói problemático” na literatura brasileira, o romance representa a forma que melhor apreende as características do mundo moderno, espelhando suas contradições e abarcando as falhas e conflitos que a situação histórica comporta. Envoltos nas amarras da sociedade capitalista, o herói, protagonista do romance, luta para fazer prevalecer sua interioridade subjetiva em oposição à realidade social, que diferentemente da Antiguidade, não é mais orgânica e homogênea. O todo perdeu a coesão e a imanência, está fracionado e envolto na nova configuração social.

Gil completa esse entendimento, afirmando que a interioridade de Naziazeno “ressoa como um espaço feito de silêncio e de mutismo no interior do qual a identidade do nome próprio do personagem é pouco ou quase nada para retirá-lo da impessoalidade e do anonimato a que é lançado” (GIL, 1999, p. 96).

As análises realizadas durante a pesquisa no Mestrado apontam para uma interpretação distinta: a de que a narrativa e os elementos formais do romance se desenvolvem a partir da subjetividade conflituosa do protagonista. Nesse sentido, observa-se um claro liame entre a interioridade da personagem e a potente dimensão simbólica do romance. Como provável decorrência dessa relação, as leituras críticas que minimizam o papel da interioridade de Naziazeno na construção do texto tendem a subestimar também o potencial simbólico da obra.

Paes considera que há pouco espaço no romance para “as reverberações do simbólico. Tanto assim que, não obstante o título do livro, os ratos só vão aparecer-lhe nas últimas páginas e mesmo ali restritos ao simples papel de roedores”. (PAES, 2008, p. 53). Este não é, no entanto, o entendimento de diversos estudos críticos que interpretam a imagem do rato como símbolo da própria condição de Naziazeno.

No posfácio intitulado “O cerco dos ratos”, publicado pela primeira vez em 2004, Arrigucci Jr. sustenta que, desde o início, o livro “chama a atenção pelo modo como apresenta literariamente a realidade através das relações entre a interioridade de Naziazeno e o mundo exterior.” (ARRIGUCCI JR, 2010. p. 183). De acordo com o crítico, há um “perfeito equilíbrio entre os elementos psicológicos e sociais, explorados em profundidade, numa forma simbólica de longo alcance.” (ARRIGUCCI JR, 2010. p. 183). Antonio Candido e Alfredo Bosi também enfatizaram a força psicológica e simbólica que tensiona a obra de dentro para fora. Ao traçar um panorama dos escritores do Rio Grande do Sul durante o Modernismo, Candido insere Dyonélio Machado entre os autores de “investigação psicológica” (CANDIDO, 1997, p. 30). Já Bosi o situa entre os autores que “têm escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagem a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa.” (BOSI, 2013, p. 414). O crítico destaca o cuidado de Dyonélio Machado com os processos de composição e define *Os ratos* como uma obra em que se observa a “angústia do ser humano preso à condição urbana e sob o regime do terror,

qualquer que seja o tempo histórico que lhe tenha sido dado viver.” (BOSI, 2013, p. 414).

Tais estudos fundamentam a hipótese de que o romance se estrutura a partir da interioridade conflituosa de Naziazeno, moldada nos dispositivos formais peculiares que, por sua vez, foram construídos a partir da matéria-prima do impasse do protagonista. Busca-se, assim, averiguar de que modo e em que medida as estratégias estéticas utilizadas – como a constituição da personagem, sua subjetividade e intersubjetividade, além de outros aspectos da materialidade do texto – representam fatores articuladores do tempo histórico de produção da obra.

Observa-se que os recursos estéticos empregados no romance incorporam, em sua forma, a precariedade e o deslocamento social de Naziazeno Barbosa. Isso se dá por meio de uma estruturação material que remete permanentemente à ambiguidade e à situação marginal do protagonista. Esse claro movimento de aproximação da personagem por parte do narrador engendra um empenho de encurtamento de distância entre o intelectual e o outro, que se dá pelas vias da alteridade.

Nesse sentido, Dyonélio Machado forjou os recursos formais do romance com a matéria-prima do estranhamento, próprio da situação deslocada do protagonista. Esse estranhamento foi preservado pelo narrador em seu esforço para encampar a interioridade do protagonista sem emitir análises e juízos de valor.

É a partir do ponto de deslocamento, viés de inadequação social, que Naziazeno percebe e constitui o mundo. Tal universo caracteriza-se pela estranheza, a deformação e a constante presença de ameaças. É este mal-estar que a forma estrutural de *Os ratos* captura, apreendendo, por meio das estratégias narrativas, todo o impasse do protagonista.

Norteadas por esse fundamento, as análises indicam que Dyonélio Machado soube moldar a fatura do romance com a matéria social, elaborando uma das obras mais representativas do ambiente político e econômico da década de 1930. Por encampar características tanto do romance social quanto do introspectivo, o texto articula de forma ampla a complexidade da sociedade brasileira.

Naziazeno simboliza uma classe de sujeitos que oscila, em equilíbrio precário, no quadro social. Tangencia o mundo da solução improvisada, da gambiarra, da esperança no jogo de azar, buscando associações e laços com outros a fim de sobreviver. Atua como peça inadaptada da engrenagem em que subsistem os “homens supérfluos de uma urbanização excludente” (ARAÚJO, 2015, p. 51).

Presente desde o primeiro parágrafo, a percepção de sua inadequação é construída de forma crescente. A miséria premente não permite que vislumbre transcendência. Isso não implica, entretanto, um “grau zero de interioridade” da personagem. Como se depreendeu do texto analisado, Naziazeno reflete o tempo todo sobre sua condição, ainda que não elabore um plano estruturado para transformá-la.

Por fim, tudo o que foi mobilizado acerca da subjetividade e da consciência da personagem neste estudo articula-se ao segundo âmbito mencionado acima: o dos aspectos formais. Elementos como a sintaxe entrecortada, a linguagem deformadora da realidade, a multivalência dos sinais gráficos e as frases repetidas intensificam a angústia do protagonista, concorrendo para compor um estilo condizente com sua inserção precária no drama social. O mal-estar de Naziazeno está manifesto na fragmentação do texto e nos vocábulos sombrios que fabricam a realidade deformada, metáfora do abismo existente entre sua subjetividade e o mundo objetivo.

Mas é na especificidade do narrador que a força representativa da matéria social se destaca. A voz narrativa, a partir da qual se estrutura a composição do romance, articula todos os elementos formais, abrindo passagem para a manifestação da interioridade conflituosa da personagem e compondo um *universo de estranhamento*.

O *universo de estranhamento* produzido em *Os ratos* simboliza a resistência ao *status quo*, pois, quanto mais se autonomiza da realidade, mais o constructo artístico exerce sua função de “resistir ao ritmo do mundo” (ADORNO, 1975, p. 30).

Ao dar voz ao protagonista sem emitir sobre ele juízos de valor, sem condenações ou condescendência, o narrador se aproxima da consciência subjetiva do outro, concebendo, por meio da elaboração artística, o engajamento e a alteridade.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor. “Sartre e Brecht — engajamento na literatura”. In: *Cadernos de Opinião*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 28-37, 1975.
- ARAÚJO, Homero José Vizeu; REIS, Octávio Augusto Linhares Garcia. “Favor, dívida impagável e forma literária em Os ratos”. *Revista Cerrados* (Brasília. Online), v. 24, p. 39-53, 2016.
- ARRIGUCCI JR., Davi. “Posfácio”. In: MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Planeta, 2004.
- ANDRADE, Mário de. “A elegia de abril”. In: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 185-195.
- BOSI, Alfredo. “Uma caixa de surpresas: nota sobre a volta do romance de 30”. São Paulo: *Revista Teresa* (USP), v. 16, p. 15-19, 2015.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: História e Antologia*. Vol. II: Modernismo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- GIL, Fernando C. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.
- PAES, José Paulo. “O pobre-diabo no romance brasileiro”. In: _____. *Armazém Literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 50-74.